



Ontologia política e criação de conceitos: considerações sobre a filosofia política de Gilles Deleuze e Félix Guattari

*Political ontology and conceptual creation: remarks on Gilles Deleuze
and Félix Guattari's political philosophy*

Leonardo Monteiro Crespo de Almeida*
Universidade Federal de Pernambuco
leonardoalmeida222@gmail.com

DOI: 10.5281/zenodo.1577804

Recibido: 22/05/2018 Aceptado: 15/11/2018

Resumo: O presente artigo pretende esclarecer a ideia de uma ontologia política que se desenvolve implicitamente nas filosofias de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Por ontologia política entende-se especificamente uma reflexão sobre a construção política da realidade social, contemplando também uma problematização sobre a natureza do político. Em que medida, no contexto da obra dos autores, a ontologia se confunde com a teorização política? Qual a relevância da construção de conceitos na teoria e prática da política? A hipótese sustentada por esta pesquisa consiste em conceber a ontologia política como desdobramento da construção conceitual, tarefa específica da filosofia conforme os autores. A pesquisa opera um recorte específico na literatura secundária sobre Deleuze e Guattari para, tendo como ponto de partida o trabalho desses pesquisadores, estabelecer o elo entre ontologia política e construção conceitual.

Abstract: This paper intends to develop the idea of a political ontology implicitly developed within the political reflections that are an important part of the philosophy of Gilles Deleuze and Felix Guattari. In this research a political ontology means a specific reflection about the political construction of the social reality which also involves a questioning of the nature of the political. To what extent, in Deleuze and Guattari's philosophy, ontology is related to a theoretical and practical engagement with politics? How relevant is conceptual creation to the political practice? The main research's hypothesis is that political ontology is intertwined with the kind of conceptual creation, which the authors conceive as philosophy's specific task. Taking as our starting point previous discussions from Deleuze and Guattari's scholars, this article develops a reading of their political philosophy through the relation between the political and conceptual construction.

Palavras-chave: Deleuze; Guattari; Ontologia; Política; Criação.

Keywords: Deleuze; Guattari; Politics; Ontology; Creation.

* Doutor e mestre em Teoria do Direito pela Faculdade de Direito do Recife/UFPE. Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Professor de ensino superior há cinco anos. Tem se dedicado a pesquisar a relação entre a filosofia de Gilles Deleuze e as diversas vias que ela abre para a teoria política. Ultimamente o seu foco tem sido pensar aspectos de uma ontologia política deleuzeana voltada para se pensar a complexidade e os múltiplos embates sociais que integram as sociedades capitalistas contemporâneas

1. Introdução

As reflexões políticas de Gilles Deleuze, presentes em vários momentos de sua obra, carregam consigo uma certa estranheza frente às maneiras tradicionais de se colocar e examinar as questões referentes a este âmbito de investigação teórica. Questionamentos referentes a justificação das formas de exercício do poder político, especialmente no tocante aos procedimentos formais que organizariam e limitariam o exercício do poder pelos governantes, não fazem parte das suas considerações sobre o tema.

O desdobramento dessa temática nos apresenta duas noções recorrentes: ontologia e política conceitual. O entrelaçamento delas permitirá Deleuze, ao lado de Félix Guattari, desenvolver uma abordagem distinta da política. Um dos seus eixos de análise reside nas alterações qualitativas nas identidades individuais e coletivas inscritas no domínio público da política. Operam uma contraposição entre a política materializada nos espaços políticos institucionalizados e aquela que se desenvolve a partir dos movimentos minoritários que atravessam – e também compõem – indivíduos e coletividades.

A insistência nos movimentos minoritários por parte dos autores não implica na rejeição dos princípios políticos que ancoram a soberania popular em regimes democráticos. A tensão entre o majoritário e o minoritário reflete antes o impasse entre a atuação administrativa e jurídica dos governos, e os diversos movimentos que escapam a essa intervenção, o que os tornam o “Outro” das instituições políticas. É através dessa tensão que a política se constitui em um processo aberto de invenção de novas práticas e formas de vida. Trata-se de trazer para o centro da reflexão filosófica as múltiplas forças que integram a criação e transformação radical do social no plano político.

A estrutura de análise proposta por este trabalho é organizada em três partes. Na primeira será feita algumas considerações gerais sobre a abordagem que Deleuze propõe da ontologia. O objetivo desta seção é pontual: trata-se apenas de apontar a diferença entre a compreensão deleuzeana do termo e a maneira como ele é tradicionalmente empregado no contexto da tradição filosófica para que, mais adiante, a ideia de uma ontologia política na obra do autor se faça mais clara.

Na segunda seção vai se examinar a interseção da ontologia com a política. De que maneira a ontologia pode ser relevante para a teoria política? Em que ponto – ou pontos – pode-se identificar um elo que conecta os dois conceitos na filosofia deleuzeana? A ideia de uma ontologia política surge como resposta a essa indagação. Por fim, vai se analisar a relação entre ontologia política e o que alguns intérpretes de Deleuze, a exemplo de Paul Patton, chamam de política conceitual.

O objetivo central do artigo, portanto, consiste em examinar a significação das expressões ontologia política e política conceitual no horizonte do pensamento político de Deleuze e Guattari. A hipótese interpretativa que orienta este trabalho reside em afirmar que a política conceitual presente na obra dos autores é, de fato, uma forma de ontologia política marcadamente distinta de uma teorização normativa sobre a política. Para fins de investigar a viabilidade dessa leitura, a interpretação se encontra dividida em dois momentos distintos.

No primeiro momento, o foco recai na literatura secundária de Deleuze: coube aos seus intérpretes a construção de pontes e diálogos entre a sua filosofia e o panorama contemporâneo da teoria política e as questões que ela suscitou. Também trataram de chamar atenção para aspectos específicos e sutis da perspectiva deleuzeana em torno da ontologia.

Uma vez fixadas algumas questões suscitadas pela literatura secundária, o segundo momento da interpretação se deteve na análise de alguns conceitos específicos suscitados por Deleuze e Guattari referentes ao âmbito da problemática desta pesquisa. Para fins de delimitação da leitura, as seções remanescentes foram organizadas em torno de perguntas inter-relacionadas. Em que consistiria o sentido político da ontologia na filosofia de Deleuze, e de Deleuze/Guattari? Trata-se de ponderar sobre a maneira que uma investigação ontológica poderia contribuir de algum modo para a teoria e prática política.

Através dessa indagação, uma outra pode ser formulada: uma vez estabelecida, mesmo que de maneira vaga, o mencionado sentido político, em que medida essa perspectiva ontológica estaria presente em manifestações mais politicamente explícitas no pensamento dos autores? Buscou-se ponderar esse questionamento através do conceito de política menor, mais enfatizado na obra que os autores escrevem sobre

Kafka, mas cuja influência se faz sentir em *Mil Platôs* e, em menor grau, na obra tardia, *O Que é a Filosofia*.

2. Considerações preliminares sobre a ontologia na filosofia de Deleuze

No contexto da tradição metafísica, o termo ontologia remete à escolástica do século dezessete, muito embora o repertório de ideais, assertivas e questões, já possa ser identificado no panorama da filosofia antiga: na tradicional definição de Aristóteles, a metafísica, compreendida como ontologia, seria a ciência do ser enquanto ser. Nathan Widder assim descreve esse posicionamento:

A ontologia é frequentemente associada, e mesmo identificada, com a metafísica, que é compreendida como o estudo de um domínio que transcende o mundo físico, e com isso se preocupa com a relação entre espírito e matéria, a natureza das verdades eternas e os bens mais nobres, a existência do livre arbítrio versus determinismo e outras questões prevaletentes nas doutrinas teológicas e filosofias pré-modernas¹.

Para fins de maior esclarecimento analítico, a concepção descrita da ontologia será chamada de usual ou tradicional. Por razões diversas a serem exploradas adiante, ela não se confunde com aquela associada à virada ontológica na teoria política contemporânea.

Por trás de uma superfície social ou enquadramento político determinado, existe um conjunto de possibilidades latentes a serem consideradas pela filosofia. Trazer essas possibilidades para o plano conceitual, no entanto, será uma tarefa complexa tendo em vista que os vários aspectos do mundo surgem como imunes a mudanças: são concebidos como naturais, associados a um plano transcendente, estabelecendo limites que a princípio se furtam a quaisquer questionamentos. Interrogando esses aspectos, autores como Nietzsche e Foucault ressaltaram a sua historicidade, logo

¹ WIDDER, Nathan. *Political Theory After Deleuze*. London: Continuum, 2012, p. 2. No original: "Ontology is often associated, and sometimes even identified, with metaphysics, understood as the study of the domain transcending the physical world, and thus with concerns about the relationship between spirit and matter, the nature of eternal truths and highest goods, the existence of free will versus determinism and other issues prevalent in premodern philosophical and theological doctrines".

também contingência, deste modo confrontando a ideia de permanência que os envolvia.

A filosofia deleuzeana nos leva a tecer essas considerações, mas assim o faz recorrendo à sua compreensão específica de ontologia. Ao invés de revelar a dimensão histórica dos conteúdos associados a uma essência última da realidade, ou mesmo que constitua a verdadeira natureza do ser humano, a ontologia, na obra deleuzeana, remete à criação e à proliferação incessante de novas formas de vida². Se na concepção usual, a preocupação da ontologia reside na descoberta das várias essências que constituem uma dimensão imutável das várias facetas da realidade, a ontologia trata de invenção. Todd May situa essa posição como intermediária entre uma preocupação estritamente associada com a ficção e outra marcada por considerações explicativas:

Supondo que a ontologia não seja um projeto que pretende captar o que existe da maneira mais precisa possível. Supondo que, ao invés disso, a ontologia seja voltada para a construção de esquemas que, não sendo simplesmente fictícios, também não fornecem simplesmente explicações³.

Pode-se introduzir uma distinção, elaborada por Stephen White em sua obra *Sustaining Affirmation: The Strengths of Weak Ontology in Political Theory*, de modo a esclarecer as particularidades da ontologia proposta por Deleuze. A distinção sustentada por White consiste em ontologias fracas e fortes⁴. Ontologias fortes são aquelas já nomeadas de usual ou tradicional. O que caracteriza a ontologia fraca é a defesa de posicionamentos éticos e políticos sem, contudo, retornar às formas tradicionais de fundacionalismo.

Este tipo de ontologia, no entanto, não rejeita por completo a tarefa de fundamentação de posicionamentos éticos e políticos, antes ressaltando que

² Cf. PATTON, Paul. "Order, Exteriority and Flat Multiplicities in the Social". Em FUGLSANG, Martin; SØRENSEN, Bernt Meier. *Deleuze and the Social*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006, p. 24 e ss; PEARSON, Keith Ansell. *Germinal Life - The Difference and Repetition of Deleuze*. London: Routledge, 1999, p. 23 e ss.

³ MAY, Todd. *Gilles Deleuze - An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 17. No original: "Suppose that ontology were not a project of seeking to grasp what there is in the most accurate way. Suppose instead ontology were to construct frameworks that, while not simply matters of fiction, were not simply matters of explanation either".

⁴ Cf. WHITE, Stephen. *Sustaining Affirmation: The Strengths of Weak Ontology in Political Theory*. Princeton: Princeton University Press, 2000, p. 6 e ss.

quaisquer que sejam esses fundamentos, eles serão sempre precários, passíveis de reformulação e de contestação. Por isso na concepção de William E. Connolly eles seriam ontopolíticos: o que os fundamentos representam são formas, aspectos e possibilidades do ser-no-mundo. Não importa quais sejam o sentido que se atribua a cada um desses fundamentos, todos eles são essencialmente contestáveis⁵. Semelhante estratégia coloca em xeque a proposição de construções ontológicas: são muito mais sugestões, alternativas, do que prescrições, comandos a serem adotados pelo interlocutor.

A ontologia desenvolvida por Deleuze não se encaixa em nenhuma dessas denominações. Isso porque, ao mesmo tempo em que o filósofo francês opta por uma posição marcada por assertivas fortemente metafísicas, responsáveis por revestir o seu pensamento com formas de expressão que o aproxima das diversas ontologias articuladas pelos filósofos que integram a tradição da metafísica ocidental ainda que dela venha a divergir em pontos cruciais. Caracterizando a ontologia deleuzeana como ontologia do sentido, Nathan Widder escreve:

...uma ontologia do sentido não afirma o ser das aparências contra o das essências. Como um lado de uma oposição, aparência pressupõe uma essência escondida ou debaixo dela, como quando se diz que por trás da aparência de uma coisa existe a coisa-em-si mesma ou a coisa como ela de fato e essencial é. Uma ontologia do sentido, pelo contrário, nega a essa divisão qualquer status fundacional, sustentando que ao invés das aparências, tal como existem, o que se é a ilusão da essência por trás dela⁶.

A filosofia deleuzeana, ontológica desde o princípio, permaneceu distante de qualquer associação com a virada linguística⁷. Centrou-se mais em interrogar as diversas formas com que a filosofia levanta questões e problemas através de sua construção conceitual.

⁵ Cf. WHITE, Stephen. *Sustaining Affirmation: The Strengths of Weak Ontology in Political Theory*, p. 126 e ss.

⁶ WIDDER, Nathan. *Political Theory After Deleuze*, p. 22-23. No original: "...an ontology of sense does not affirm the being of appearances against that of essences. As one side of an opposition, appearance presupposes essence hidden behind or beneath it, as when it is said that underneath a thing's appearance is the thing-in-itself or the thing as it really or essentially is. An ontology of sense, on the contrary, denies this division any foundational status, and holds instead that appearances, such as they exist, present only the illusion of essences lying underneath them".

⁷ CROCKETT, Clayton. *Deleuze Beyond Badiou: Ontology, Multiplicity, and Event*. Columbia, New York: Columbia University Press, 2013, p. 4.

Por isso mesmo é preciso isolar a maneira pela qual a tradição metafísica ocidental lançou os pressupostos que nos informariam sobre a natureza do pensamento: o que significa pensar? Quem pensa? Um exemplo é o que Deleuze e Guattari denominam pensamento arbóreo e que aparece atravessa toda a história da filosofia ocidental. Como observa Patton, trata-se de um pressuposto que irá direcionar a elaboração dos mais variados sistemas metafísicos sobre o significado do ato de pensar:

A clássica imagem do pensamento, tal como apresentada na história da filosofia, é a de sistemas conceituais cuja relação com o exterior é sempre mediada por alguma forma de interioridade, seja a alma, consciência, ou os próprios conceitos. Tratam-se de sistemas hierárquicos centralizados, sendo a primeira característica do pensamento arbóreo precisamente a sua organização em torno de um princípio de unidade ou interioridade: forma-se deste modo a estrutura subjacente ou o eixo que irá determinar a compreensão do objeto (linguagem, inconsciente, sociedade) na sua relação com aquilo que lhe é exterior⁸.

Pensar criticamente uma ontologia os leva a uma redefinição dos pressupostos que informam as concepções tradicionalmente sedimentadas. Uma das teses centrais da ontologia deleuzeana, por exemplo, monismo = pluralismo, estabelece como eixo de problematização ontológica o pensar a diferença na – e pela – imanência. Dentre outras implicações, trata-se também de conceber uma diferença mais originária do que aquela que atravessa as nossas representações. Um maior desenvolvimento das implicações presentes nesse posicionamento ontológico é algo que ultrapassaria as pretensões e os limites dessa pesquisa. É suficiente destacar que pensar, portanto, não necessariamente consiste na representação e na captura de um exterior através pelo conjunto de categorias de um sujeito⁹.

⁸ PATTON, Paul. "Conceptual Politics and the War-Machine in "Mille Plateaux"". Em *SubStance*, v. 13, Issue. 44/45, 1984, p. 61. No original: "The classical image of thought, as it is presented in the history of philosophy, is that of conceptual systems whose relationship with the outside is always mediated by some form of interiority, whether this be the soul, consciousness, or concepts themselves. These are centered and hierarchical systems, and precisely the primary characteristic of arboreal thought is its organization around a principle of unity or interiority: this forms the underlying structure or axis in terms of which the object in question (language, the unconscious, society) and its relation to other things must be understood".

⁹ Cf. PATTON, Paul. "Order, Exteriority and Flat Multiplicities in the Social", p. 22 e ss.

3. A significação política da ontologia no contexto da filosofia deleuzeana

O esclarecimento da ideia de ontologia política no contexto da filosofia deleuzeana precisa antes passar por uma análise do que eles entendem por política. *Anti-Édipo* e *Mil Platôs*, as duas partes que integram o projeto *Capitalismo e Esquizofrenia*, apresentam-se como obras com teor acentuadamente político, embora possuam uma estrutura um tanto quanto divergente daquelas que se encontram em obras clássicas da filosofia política¹⁰.

Estão ausentes discussões associadas à justiça, à limitação, à repartição dos poderes estabelecidos e investigações sobre a natureza da comunidade e do poder. As duas obras encontram suas caracterizações na criação de constelações conceituais e nas múltiplas associações existentes entre esses conceitos.

Pode-se, então, sintetizar o que fora dito concebendo ambas as obras como sistemas abertos de relações conceituais. Nos primeiros capítulos de *O Que é a Filosofia*, é a criação de conceitos que será reiterada como o que há de mais próprio da filosofia: cada conceito filosófico introduz sendas que abrem novas possibilidades para a invenção de formas distintas de vida, a construção do que Deleuze/Guattari nomeiam, na mesma obra, de uma nova terra¹¹.

Estabelece-se uma forma de utopia política que rejeita a transcendência e qualquer orientação para uma realidade que transcenda este mundo: "Com efeito, é a utopia que faz a junção da filosofia com sua época, capitalismo europeu, mas já também cidade grega. É sempre com a utopia que a filosofia se torna política, e leva ao mais alto ponto a crítica de sua época"¹². Um dos principais aspectos que revestem o mencionado caráter utópico consiste no desafio e na problematização dos limites estabelecidos pelo mundo presente¹³. A pergunta crucial e que nos fornece uma

¹⁰ Ver a maneira como abordam o Estado e a sua formação, Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010, p. 287 e ss.

¹¹ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Que é a Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 10 e ss.

¹² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Que é a Filosofia*, p. 130.

¹³ Cf. PATTON, Paul. "Becoming-Democratic". Em BUCHANAN, Ian; THOBURN, Nicholas. *Deleuze and Politics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008, p. 179.

orientação para a reflexão política seria a seguinte: quais são as condições que permitem o surgimento do novo e das rupturas no espaço social?

Aproximam-se do comunismo de Marx uma vez que, como aponta Nicholas Thoburn¹⁴, não se restringindo a um projeto político, eles lidam também com a totalidade social no sentido de trabalhar as múltiplas forças envolvidas em sua construção através de uma disposição criativa. Thoburn resume: “a política, para Deleuze, é simultaneamente um processo de invenção da vida e um engajamento específico com relações capitalistas. E nisso se encontra a prática de uma charada, um projeto indeterminado e continuamente aberto, mas não menos prático”¹⁵.

A indeterminação do projeto e o processo de invenção da vida encontram a sua existência no caráter fluído e indeterminado da realidade embora esta, de início, mostre-se estável e transparente. Existe algo mais que se encontraria por trás da organização perceptível dos eventos e das relações estabelecidas entre eles. A distinção entre o atual e o virtual estabelecida por Deleuze em *Diferença e Repetição* e *Lógica do Sentido* contempla este ponto.

O domínio do virtual abrange o potencial para a composição de novas conexões singulares, divergentes e imprevisas que marcam a atualização dos eventos¹⁶. Esta não esgota o domínio do virtual: introduz novas possibilidades de conexões e associações que outrora poderiam ser concebidas como impensáveis¹⁷.

Na filosofia deleuzeana, o virtual remete às redes implícitas de relações que constituem o sentido da experiência atual¹⁸. A influência principal neste ponto será Bergson: a lembrança e a memória existem porque o passado é real e virtual, coexistindo com o presente, ao mesmo tempo em que constitui uma abertura

¹⁴ Cf. THOBURN, Nicholas. *Deleuze, Marx and Politics*. London: Routledge, 2003, p. 6.

¹⁵ THOBURN, Nicholas. *Deleuze, Marx and Politics*, p. 6. No original: “Politics, for Deleuze, then, is at once a process of the invention of life and an engagement with specifically capitalist relations. And in this it is the practice of a riddle, an undetermined and continually open, but no less practical, project”.

¹⁶ Cf. DELEUZE, Gilles. *Logic of Sense*. London: The Athlone Press, 1990, p. 150 e ss.

¹⁷ Cf. KREPS, David. *Bergson, Complexity and Creative Emergence*. London: MacMillan, 2015, p. 44 e ss.

¹⁸ Cf. PEARSON, Keith Ansell. *Germinal Life - The Difference and Repetition of Deleuze*, p. 30 e ss.

criativa para o futuro uma vez que este já não é existe como uma imagem projetada e fixada a partir do presente¹⁹.

Essa multiplicidade de relações que se encontra ofuscada pela experiência atual é pensada por Deleuze como microscópica e disjuntiva ao invés de caracterizada pela oposição e pela contradição. O que as relações virtuais estabelecem é o poder do falso: trata-se da simultaneidade de presentes impossíveis e/ou a coexistência de passados verdadeiros, porém contingentes. Nathan Widder nos fornece o seguinte exemplo:

O sentido de Adão o pecador, para retornamos ao exemplo, está associado ao modo como Adam o não-pecador e o seu mundo alternativo e impossível são dobrados virtualmente. Deste modo, o virtual é um excesso imanente que enquadra a experiência atual²⁰.

Na percepção de cada objeto – ou ideia – existe um mundo marginal, secreto, que a excede e em que outras ideias e objetos podem também surgir. A relação entre o virtual e o atual é distinta daquela entre real e possível: a passagem do possível ao real é um processo de realização, ou seja, de se tornar real; o virtual, no entanto, possui uma realidade específica, mas que não é menos real do que aquela do atual.²¹

O possível expressa uma multiplicidade de cenários em que apenas alguns deles serão realidade: possibilidades são abstrações indeterminadas e não-contraditórias do real²². Fora este ponto, o possível remete sempre a um real já estabelecido e pré-formado²³. No exemplo mencionado, Adão pode ou não ter sido um pecador, mas não as duas hipóteses. O par real/possível se estrutura em termos de identidade e semelhança: o real se associa ao possível ao mesmo tempo em que o possível é apenas uma imagem do real.

¹⁹ Cf. DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 39 e ss; KREPS, David. *Bergson, Complexity and Creative Emergence*, p. 90 e ss.

²⁰ WIDDER, Nathan. *Political Theory After Deleuze*, p. 38. No original: “The sense of Adam the sinner, to return to that example, is linked to the way Adam the non-sinner and his alternative, impossible world are folded virtually into it. In this way, the virtual is an immanent excess that enframes actual experience”.

²¹ Cf. DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*, p. 77-78.

²² Cf. KREPS, David. *Bergson, Complexity and Creative Emergence*, p. 12 e ss.

²³ Cf. ALLIEZ, Éric. *The Signature of the World: or What is Deleuze and Guattari’s Philosophy*. London: Continuum Press, 2004, p. 91.

Para as pretensões desta pesquisa, o relevante é observar os potenciais implícitos que persistem na ocorrência de cada evento e como eles não podem ser exauridos – ou limitados – às suas atualizações. Pensar uma política marcada pela criação afirmativa implica, antes de mais nada, pensar o novo de maneira que ele seja inserido na atualização do virtual, ou seja, concebendo a constituição do real como criação conceitual contínua e genuína²⁴.

Não há como mapear as diversas maneiras pelas quais as informações alocadas na memória podem intervir na experiência que se tem do mundo, como também os diversos potenciais virtuais a ser manifestados²⁵. Mencionando o estudo inicial de Deleuze sobre Hume, Éric Alliez aponta como o filósofo francês via no empirismo uma concepção de sujeito que ultrapassava a própria experiência empírica: a experiência tomada como conjunto de percepções individuais sobre as coisas não explica as formas de associações estabelecidas entre elas²⁶.

É a partir dessa linha de reflexão que Deleuze e Guattari concebem a atividade filosófica, na obra *O Que é a Filosofia*, como sendo intrinsecamente política. A criação de conceitos realizada pelos autores não atende a uma função representativa dos estados de coisas com que ele se defronta, antes contra-atualizam esses estados ao remetê-los para o domínio do virtual²⁷. Em certo sentido, a atividade filosófica “cultiva” virtualidades ao tornar problemática e opaca a atualidade que se apresenta como transparente e definitiva.

Os diversos direcionamentos e formas de transformação do espaço social são trazidos para o centro dessas considerações. A caracterização das sociedades se encontra associada aos múltiplos vetores de transformação que cruzam, modelam e reformulam a sua constituição. Daí a insistência nas linhas de fuga e nos movimentos de desterritorialização como propulsores das transformações sociais que

²⁴ Cf. PATTON, Paul. “Order, Exteriority and Flat Multiplicities in the Social”, p. 21 e ss.

²⁵ Cf. DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*, p. 48 e ss; PEARSON, Keith Ansell. *Germinal Life - The Difference and Repetition of Deleuze*, p. 34 e ss.

²⁶ Cf. ALLIEZ, Éric. *Deleuze filosofia virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 17-18; ALLIEZ, Éric. *The Signature of the World: or What is Deleuze and Guattari’s Philosophy*, p. 89 e ss.

²⁷ Cf. RAJCHMAN, John. *The Deleuze Connections*. Cambridge: The MIT Press, 2000, p. 62 e ss.

não obedecem um direcionamento pré-determinado²⁸. Por isso a observação de Patton:

Eles propõem uma concepção não-teleológica da história e uma análise com mais nuances dos aspectos desterritorializadores e reterritorializadores do capitalismo. Eles insistem que o ímpeto para a transformação social é proporcionado pelos movimentos de desterritorialização e pelas linhas de fuga ao invés das contradições de classe²⁹.

A concepção de história dos autores, sobretudo quando enfatizam os movimentos de desterritorialização e linhas de fuga que atravessam a formação social, ilustram a ideia de contra-atualização associada à distinção virtual/real e à mudança social: uma reflexão política desejável não seria aquela voltada para a manutenção do equilíbrio social, antes uma capaz de fornecer conceitos que possam intervir criativamente na realidade social.

É através deste ponto que os posicionamentos desenvolvidos por Deleuze e Guattari podem levar a formas distintas de problematização de realidades sociais marcadas por múltiplas formas de opressão. O horizonte normativo dessa proposta vai vislumbrar no trabalho metódico da crítica os rastros, os deslizamentos e os caminhos que permitiriam transformações significativas nas condições de vida dos demandantes. Pois antes de sequer serem concebidos como demandantes, integrantes de grupos ou cidadãos, eles são puro devir e multiplicidade³⁰.

As exortações à experimentação, que compõem uma parte significativa do *Mil Platôs*, revestem a intervenção política de uma certa propensão à pluralidade e à radicalização dos vários projetos dispersos no espaço social³¹. Neste sentido, a preocupação ontológica é indissociável da composição de novas maneiras de ser no mundo e das tensões que existem para promover-las ou impedi-las. Pensar o vínculo entre ontologia e política, neste arranjo teórico, leva a uma indagação em torno das

²⁸ Dentre outras referências, Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 11; DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*, p. 366 e ss.

²⁹ PATTON, Paul. *Deleuzian Concepts: Philosophy, Colonization, Politics*. Stanford, California: Stanford University Press, 2010, p. 138. No original: "They propose a non-teleological conception of history and a more nuanced appreciation of the deterritorializing as well as the reterritorializing aspects of capitalism. They insist that the impetus for social change is provided by movements of deterritorialization and lines of flight rather than class contradictions".

³⁰ Cf. RAJCHMAN, John. *The Deleuze Connections*, p. 81 e ss.

³¹ Cf. RAJCHMAN, John. *The Deleuze Connections*, p. 20 e ss.

condições de transformação radical da sociedade e dos vínculos sociais que as mantêm juntas.

Retomando um termo de Connolly, o caráter ontopolítico das assertivas que regulam e conduzem comportamentos e afetos, além do ideal desejável de sociedade, faz com que os mesmos sejam alvo de disputas permanentes. Em cada posição aparentemente consolidada, sempre existem espaços não considerados e potenciais a serem descobertos – ou limitados – pelo conjunto de conceitos estabelecidos.

O desafio reside em estabelecer um ponto que transcenda aos vários regimes que determinam formas de agir e pensar, ou seja, um espaço anterior à constituição das relações de poder: o pensar sempre se dirige a algo que bloqueia as várias conexões possíveis que marcam o seu desdobramento³². A subversão se dá a partir do potencial implícito que subjaz os vários regimes, propondo alternativas aos arranjos já sedimentados pelas relações de poder³³. No artigo que escreveram sobre as associações micropolíticas, Ralk Krause e Marc Rölli pontuam:

A micropolítica de Deleuze e Guattari, então, busca uma abordagem que é irreduzível ao fora do poder para assim afirmar a diversidade das conexões dinâmicas que antecedem os processos formativos estabelecidos e conservadores dos regimes de pensamento e ação³⁴.

Nos livros que compõem o projeto *Capitalismo e Esquizofrenia*, *Anti-Édipo* e *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari remetem a um entendimento usual em termos de relação de poder já bastante discutida, na década de setenta, por Michel Foucault³⁵. Em linhas muito gerais, a mecânica do poder nas sociedades contemporâneas já não pode ser compreendida como o exercício centralizado e perceptível de relações e dominação entre o soberano e a população, ou da subjugação de um segmento

³² Cf. PEARSON, Keith Ansell. *Germinal Life - The Difference and Repetition of Deleuze*, p. 21 e ss; Cf. RAJCHMAN, John. *The Deleuze Connections*, p. 73 e ss.

³³ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996, p. 87 e ss; ALLIEZ, Éric. *The Signature of the World: or What is Deleuze and Guattari's Philosophy*, 2004, p. xvii.

³⁴ KRAUSE, Ralf; RÖLLI, Marc. "Micropolitical Associations". Em BUCHANAN, Ian; THORBURN, Nicholas. *Deleuze and Politics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008, p. 242. No original: "The micropolitics of Deleuze and Guattari, then, attempts to approach an irreducible outside of power in order to affirm the diversity of dynamic connections prior to the formative processes establishing and conserving regimes of thought and action".

³⁵ Cf. SCHATZKI, Theodore R. *The Site of the Social: a philosophical account of the constitution of social life and change*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2002, p. 22-23.

social – uma parcela, uma classe – por outro que detém o poder. A relação não se organiza mais como expressão de subjugação de uma minoria destituída de poder por uma outra que o possui por completo.

O poder não pode ser apropriado como uma coisa ou uma propriedade: ele se entrelaça com o funcionamento múltiplo das várias instituições que, operando a partir de lógicas específicas, fazem subsistir a segmentariedade do social³⁶. O direito, a medicina, o sistema educacional, as várias categorias a que se recorrer com o intuito de organizar a vida, o que inclui a formação de subjetividade, são produtos das múltiplas relações de poder que compõem o espaço social³⁷.

Um dos objetivos teóricos do Anti-Édipo, tal como Michel Foucault apontou no conhecido prefácio que redigiu sobre essa obra, consiste em apontar para a internalização do fascismo cuja principal expressão consistiria no desejo pela tomada de poder³⁸. Nesta linha de raciocínio, a revolução não consistiria na tomada de poder com a conseqüente manutenção das velhas instituições: pode-se mesmo afirmar que, uma vez que não operam nenhuma modificação essencial no espaço social, elas são, de fato, contra-revoluções. Uma indagação persistente - e que atravessa toda a obra - consiste em ponderar de que forma o desejo pode ser impedido de agir em conformidade com o seu interesse em tomar o poder.

Na obra *Mil Platôs* semelhante linha de desenvolvimento teórico passa pelo trabalho do antropólogo francês Pierre Clastres em torno das sociedades tribais e algumas estratégias voltadas para prevenir a institucionalização de um poder político e centralizador³⁹. A fixação na exterioridade, cuja expressão conceitual mais explícita na filosofia de Deleuze e Guattari encontra-se no conceito de máquina de guerra, constitui-se não somente como forma de resistência à consolidação hegemônica do poder, redefinindo também o próprio conceito de resistência.

Resistir não precisa ser considerada uma atividade ou forma de se portar específica dos grupos marginalizados e subalternos, nem reflete a fragilidade específica desses

³⁶ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 3, p. 84 e ss.

³⁷ Cf. RAJCHMAN, John. *The Deleuze Connections*, p. 83 e ss.

³⁸ Cf. FOUCAULT, Michel. "Preface". Em DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus*. University of Minnesota: University of Minnesota Press, 2000, p. xiii e ss.

³⁹ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997, p. 21 e ss.

grupos em meio a circunstâncias de dominação. Antes a resistência é remetida ao plano de uma ontologia social ao invés de estar restrito às práticas reativas. Resistência, no contexto de uma análise micropolítica, denota a determinação do social como marcado por múltiplas linhas de fuga ao invés de sua configuração em termos de exclusão e conflito. Esse ponto será retomado adiante.

Nenhum dos conceitos apontados assume a predileção por arranjos institucionais concretos, nem por formas ideológicas determinadas. Se existe uma dimensão normativa que envolve a filosofia política de Deleuze e Guattari, e que se funda nas características da ontologia social articulada por eles, é uma preferência pelos fluxos e transformações em detrimento da rigidez, da perenidade e da conservação. Paul Patton tece as seguintes considerações sobre o caráter normativo da abordagem filosófica dos autores:

A normatividade enraizada nesta ontologia atribui prioridade sistemática aos devires minoritários frente ao ser majoritário, às linhas de fuga em detrimento a formas de captura, aos planos de consistência sob os planos de organização, aos espaços lisos em detrimento dos estriados e assim sucessivamente. Entretanto, nenhum desses processos desterritorializadores proporciona fundamentos para qualquer orientação política prática⁴⁰.

No conhecido diálogo com Michel Foucault, “Os intelectuais e o poder”, Deleuze uma certa dimensão pragmática que estaria presente na construção das teorias. Ele as associa a caixas de ferramentas cuja sentido reside precisamente na utilidade que possuem ao serem mobilizadas em contextos específicos⁴¹. Em síntese, as teorias constroem espaços de intervenção que mobilizam potenciais ainda impensados, porém latentes. O decisivo é não circunscrever o real ao atual.

A práxis não teria outro sentido que não a passagem de uma construção teórica para uma outra construção teórica. O desenvolvimento teórico tem como condição necessária o surgimento de obstáculos a ser superados pela práxis. Reitere-se que o

⁴⁰ PATTON, Paul. “Becoming-Democratic”, pp. 182-183. No original: “The normativity embedded in this ontology accords systematic priority to minoritarian becomings over majoritarian being, to lines of flight over forms of capture, to planes of consistency over planes of organisation, to smooth over striated spaces and so on. However, none of these deterritorialising processes provides grounds for unambiguous practical political orientation”.

⁴¹ Cf. FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. “Os Intelectuais e o Poder”. Em MACHADO, Roberto. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, p. 71.

real guarda consigo potenciais não-atualizados e que, a cada instante, esses potenciais são também transformados por outros processos de atualização⁴².

4. A construção do social através do político: a política menor

Na filosofia política de Deleuze e Guattari, a dupla dimensão – o liso e o estriado, o concentrado e o disperso – reflete a difusão do poder no espaço social. Diferentemente das teorias que concebem o poder em termos de propriedade, portanto circunscrito a um domínio específico do social, eles reiteram a multiplicidade do poder e as suas implicações para a constituição do social. Noções como poder e desejo são fundamentais para que se possa mapear não somente o significado de uma ontologia social neste panorama teórico, como também a sua articulação com a concepção que os autores desenvolvem em torno da política.

A relação entre esses dois planos atravessa e estabelece o engajamento com a política através de uma concepção específica de realidade que engloba noções como real, virtual, atual e imanência. Thoburn observa que a política, na aceção dos autores, não é outra coisa senão uma contraposição operada entre o processo de diferenciação dos fluxos moleculares frente às formas rígidas e identitárias dos segmentos molares com o propósito de amplificar os processos minoritários⁴³. Não se trata de operar uma rejeição em si da identidade, acolhendo o caos e mudanças continuamente desestabilizadoras, uma vez que a identidade é condição para que haja o social e as suas relações. Molar e molecular, a macro e micropolítica, o virtual e o atual, encontram-se entrelaçados ao invés de se operem: não existe uma relação dialética entre esses termos⁴⁴.

Em meio a relação entre o molar e o molecular, a política menor é pensada. As condições sócio-históricas para a emergência da política menor para Deleuze e Guattari, nos diz Thoburn, é a da ausência do povo⁴⁵. O ponto de partida da experiência política consiste no cerceamento das minorias e segmentos fragilizados

⁴² Cf. PEARSON, Keith Ansell. *Germinal Life - The Difference and Repetition of Deleuze*, p. 21 e ss.

⁴³ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*, p. 451 e ss.

⁴⁴ Cf. SCHATZKI, Theodore R. *The Site of the Social: a philosophical account of the constitution of social life and change*, p. xiii e ss.

⁴⁵ THOBURN, Nicholas. *Deleuze, Marx and Politics*, p. 15 e ss.

continuamente atravessados pelas forças sociais. Resistem e não se adequam às grandes construções conceituais e estatísticas que lhe são impostas: o princípio do menor não será, portanto, o da identidade e da determinação, mas a diferença, o indeterminado e o ambivalente.

Longe de ser mais um espaço político autônomo que viria a concorrer com uma política dita “maior”, representada pelos espaços institucionais, a política menor trata de continuamente reconfigurar tal qual a relação que se estabelece entre o molar e o molecular. A ausência de um povo não constitui um impedimento, antes é uma exortação para que o mesmo seja inventado. Na obra que escrevem sobre Kafka, o conceito de menor é recorrente: a literatura menor, as práticas menores de criação, a política menor.

O desafio estabelecido Kafka passa pela construção de novos espaços e de uma linguagem distinta com a qual essa criação pode ser situada. A literatura permite a construção de povos menores em um panorama dominado por maiorias nacionais. Abre o espaço para o desenvolvimento de uma consciência nacional que, no entanto, é desenvolvida às margens da vida pública estabelecida sob o regime dos signos e das concepções da maioria nacional. Uma literatura assim concebida é menor no sentido de relatar aquilo que será "enterrado" ou "ignorado" pela narrativa histórica oficial.

Uma literatura menor atua politicamente ao menos em três pontos específicos constitutivos do social: (a) subverte a linguagem e concepções gerais mais amplas associadas à representação da maioria nacional; (b) produzem formas de enunciação coletiva; (c) politizam questões e aspectos cotidianos das relações sociais que outrora passavam despercebidos⁴⁶. Esses três elementos são articulados pelo conceito de literatura menor, conforme será exposto adiante.

A ausência de um povo e a supressão de uma minoria fazem com que a política menor não possa tomar como seu ponto de partida uma ideia de subjetividade política caracterizada pela autonomia, reflexão e engajamento. O início dessa política menor ocorre pela restrição: os subalternos e oprimidos se inserem em espaços

⁴⁶ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: Por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 39.

limitados marcados pela falta e pela limitação, seja em termos materiais, seja simbolicamente. Da linguagem à movimentação, passando pela expressão linguística, cultural e intelectual, a inserção social das minorias é atravessada pela carência.

As estruturas gerais que forneceriam algum sentimento de pertencimento social, como a narrativa histórica, os desloca de imediato para a periferia ou inexistência. São existências que se desdobram em espaços confinados e, uma vez que carecem das referências gerais que orientam a vida social em comum, resta apenas estratégias criativas a partir de contextos sempre particulares. Na medida em que os agregados molares aparecem como impedimentos, a identificação da minoria é marcada por um atraso e deslocamentos constantes: o que caracteriza a minoria é a inconsistência e a experimentação no plano do espaço social. Escreve Thoburn:

Este atraso não apenas serve para abrir a política menor a ‘qualquer um’ que experimente o padrão molar como restritivo, mas também possibilitar atuar como mecanismo que induz a uma experimentação contínua. Pois, ao invés de reiterar a solidificação de certas rotas políticas e culturas, formas e identidades, essa ‘pobreza desejável’ serve para levar o pensamento e a prática de volta ao espaço da contestação, do debate e do engajamento, forçando o surgimento de novas formas de experimentação desde a intimidade dos espaços confinados⁴⁷.

A experimentação será uma constante uma vez que o real não se deixa abranger em sua totalidade pelo atual: as práticas estratégicas das minorias produzem formas inesperadas e distintas de atualização do virtual que, por sua vez, tende a alterar as relações diferenciais que constituem o próprio virtual. Assim concebido, o menor é também marcado por certa impossibilidade. Cada possibilidade de atuar sobre o social se encontra atravessada por fronteiras e restrições, estabelecendo impasses e desafios. Em virtude disso, inexistente qualquer elemento ou identidade que possa ser apropriada sem problematizada ou contestada: a inação é tão inviável quanto a ação.

⁴⁷ THOBURN, Nicholas. *Deleuze, Marx and Politics*, p. 19. No original: “This deferral not only serves to open minor politics to ‘everybody’ who would experience the molar standard as restrictive, but also acts as a mechanism to induce continuous experimentation. For, rather than allow the solidification of particular political and cultural routes, forms, and identities, such ‘willed poverty’ serves to draw thought and practice back into a milieu of contestation, debate, and engagement, and forces ever new forms of experimentation from the intimacy of cramped experience”.

É pertinente observar que uma política menor não consiste em desenvolver modos de representação dos interesses e demandas de segmentos minoritários, ou seja, na constituição de uma identidade voltada exclusivamente para a representação social e política do segmento. Como os autores vislumbram na antropologia de Clastres, não se trata de desenvolver mais uma forma de captura estratégica do lugar de poder que permitiria alcançar uma visibilidade outrora negada.

O direcionamento é voltado para a transformação e desestabilização dos padrões e formações sedimentadas estabelecidas a partir dos espaços confinados: antes da comunicação, cuja pré-condição para o seu exercício político seria a inserção nos múltiplos espaços da política institucionalizada, existe a criação que vai subverter esses espaços. Em síntese, o que anima a política menor não é a criação voltada para novas formas de captura de gestos e estratégias, mas o deslocamento contínuo do que está determinado.

Nesta perspectiva, a construção de uma nova linguagem visa a impulsionar práticas de reconfiguração das relações sociais. Linguagem, neste ponto, já não remete à representação de um mundo exterior, tendo a existência material no mesmo plano das diversas práticas sociais. Se a manutenção de uma língua padrão, oficial, portanto, encontra-se diretamente associada com a busca pela fixação de uma identidade nacional delimitada de seu entorno, as práticas minoritárias atuam inventivamente para a construção de alternativas que rearticulando de outro modo os elementos constitutivos da língua maior.

Kafka, tcheco, optando por escrever em língua alemã, fez dessa língua um suporte de expressão particular e desviante, cultivando diferenças significativas frente às normas usuais do alemão de sua época. O alemão mobilizado por Kafka expressa a relação ambivalente entre ele e a cultura germânica, como também o caráter político e territorial de uma língua⁴⁸.

Seguindo Deleuze e Guattari na obra *Kafka*, é o social, não apenas a língua, que é em si político na composição da literatura menor⁴⁹. Levando em consideração o molar, o social se transforma em um pano de fundo a ser delimitado por categorias

⁴⁸ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: Por uma literatura menor, p. 50 e ss.

⁴⁹ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: Por uma literatura menor, p. 36 e ss; p. 78.

operadas sobre uma lógica de exclusão disjuntiva: não se trata de entrelaçamento, mas de demarcação e distinção. A língua pátria, por exemplo, será atualizada através das regras que demarcam a sua identidade. Thoburn contrapõe o molar ao social da seguinte forma:

Em composições maiores, questões particulares, autônomas ou individuais são capazes de planar em uma magnitude de auto-atualização uma vez que o social existe como facilitador da forma molar individual. É claro, essas questões individuais se associam a outras, formando um tipo de sociedade, mas não existe nessas relações nenhuma intensidade real já que cada questão individual está em uma escala similar, como uma 'exclusão disjuntiva' (ou esta identidade, ou aquela, mas nunca entre elas) em um espaço interior fechado⁵⁰.

Um aspecto central da composição majoritária frente ao social é a de que este se constitui apenas em um simples *background* para o desdobramento das questões individuais referentes à cada segmento do social. Na literatura maior, por exemplo, a resolução de uma intriga matrimonial individual em nada altera a organização do plano social previamente estabelecido pela obra, antes o reitera.

Na composição minoritária, entretanto, a constituição do social adquire um grau de complexidade maior porque, dentre outras razões, já não é viável estabelecer uma demarcação entre questões individuais. O que ocorre não é a inexistência dessas questões mas a rejeição de sua autonomia: cada questão individual é composta por um agregado de outras questões individuais de formas e escalas distintas, impedindo a cisão entre individual e coletivo⁵¹. Se a articulação do majoritário reside na disjunção, o princípio do molecular será, então, o da conjunção. Tudo adquire um valor coletivo, como escrevem os autores⁵².

A conjunção, no entanto, não leva à síntese de uma nova identidade, abolindo as especificidades estabelecidas pelas questões, propondo antes uma fusão que integram – e mantém – as peculiaridades de cada ponto que fora suscitado. Cada elemento

⁵⁰ THOBURN, Nicholas. *Deleuze, Marx and Politics*, p. 24. No original: "In major composition, autonomous, particular, or individual concerns are able to soar into a self-actualizing grandeur since the social exists as a facilitator of the molar individual form. Of course, these individual concerns meet with others, in a society of sorts, but there is no real intensity in the relations since each individual concern is on a similar scale, as an 'exclusive disjunction' (either this identity, or that, but never in between) with a closeted interior space".

⁵¹ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*, p. 38.

⁵² Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*, p. 37.

presente em uma inclusão disjuntiva é associado a um outro, construindo uma cadeia de relações em contínuo processo de variação e diferenciação⁵³.

Lutas e questões particulares passam a emergir dos processos de permutação, agregação e relação dinâmica entre componentes próprios. Passam a ser pensadas termos de multiplicidades inscritas em relações dinâmicas ao invés de agregados individuais, distintos e estáticos. Uma vez que as inclusões disjuntivas não abolem as distinções, antes propõem uma certa transcendência que, preservando ambos os polos, situa-se para além deles mesmos.

Por fim, uma característica significativa da política menor reside em evidenciar e problematizar as várias forças sociais que atuam na composição de questões e formas de situar o social e também a própria vida. Enquanto a literatura maior evita confrontar essas forças, a literatura menor necessariamente precisa situá-las uma vez que são elas as responsáveis por restringir e limitar a existência dos segmentos minoritários que compõem o social.

Kafka poderia ter optado por escrever panfletos e tratados que denunciasses as múltiplas formas pelas quais o aparato burocrático estatal exerce a sua opressão. Conduziu-se, no entanto, por linha de enfrentamento diversa: as suas novelas e romances exploram as conexões existentes entre sistema judicial e econômico, a estrutura administrativa do Estado e o conjunto de personagens que de algum modo povoam esses espaços: advogados, juízes, burocratas, etc. Sob uma perspectiva decididamente política, o escritor tcheco junta as peças e identifica as relações que as unem, compondo e desmembrando a máquina social⁵⁴.

Nas novelas e romances de Kafka encontra-se o cerne do engajamento da política menor: não é possível identificar nelas nenhum programa que organize *a priori* o social em forças ou grupos determinados, estabelecendo entre eles relações de oposição. A ausência dessas diretrizes coloca em evidência uma composição do social calcada na problematização contínua das forças que politicamente interferem e organizam a sociedade.

⁵³ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: Por uma literatura menor, p. 45.

⁵⁴ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: Por uma literatura menor, p. 90 e ss; SCHATZKI, Theodore R. *The Site of the Social: a philosophical account of the constitution of social life and change*, p. 93 e ss.

Em outras palavras, a política começa a partir do momento em que as minorias identificam uma falta ou algo que pode ser melhorado, mas que ainda não fora concedido, a exemplo da ausência de direitos e da representação política. Ela existe a partir do momento em que os grandes agregados molares são submetidos a desterritorializações⁵⁵.

A questão, então, é seguir o rastro desses movimentos e observar como eles podem propor novas formas de engajamento a partir de um dado sistema social. É ver no anarquismo, no comunismo e tantas outras formas de composição política da comunidade, tentativas de problematização das forças sociais atuais através de sua desterritorialização. Então, mais significativo do que as práticas estratégicas dos anarquistas e comunistas, é visualizar quais são as linhas de fuga que elas abrem se engajar com o social de uma maneira diversa e que aponte para outros itinerários. É fazer aquilo que agora se coloca como impensável, pensável.

O conceito de política menor abre espaço para uma análise das várias práticas e modos de composição que se desdobram em paralelo com os mecanismos institucionais da política maior e os segmentos que ela estabelece. Por isso, em uma investigação ontológica, a relação entre poder e resistência necessita ser posta em questão: o poder estabelece o que se configura como norma e como desvio, enquanto a resistência vai reconfigurar esses conteúdos através de uma recomposição dos seus elementos.

No caso de Kafka, a experiência de alienação e distanciamento de seu território cultural é transposta não somente para uma apropriação muito peculiar da língua germânica, como também a composição de uma enunciação coletiva. A máquina-literária de Kafka, ao “desmontar” os mecanismos constitutivos da burocracia e da dominação Estatal que o autor visualizou, abre espaço para novos devires através da constituição de um novo povo e uma nova terra. Este povo, lembra Deleuze, é sempre uma minoria criativa⁵⁶. Em síntese, o suposto fracasso das revoluções, compreendidas como momentos de uma reestruturação significativa das políticas de esquerda, na segunda metade do século vinte, não anulou nos autores a problematização das condições que envolvem a transformação radical da sociedade.

⁵⁵ Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 3, p. 78 e ss.

⁵⁶ Cf. DELEUZE, Gilles. *Negotiations*, 1972-1990. New York; Columbia University Press, 1995, p. 173.

Uma exposição ampla e consistente da ontologia política deleuzeana demanda um espaço significativamente maior do que a forma de um artigo. Optou-se por ressaltar alguns dos aspectos significativos desta temática tendo como ponto de partida certas considerações do autor sobre a ontologia e como ele a compreende de maneira distinta da tradição. Em seguida se tratou de mostrar a conotação política que revestiria a perspectiva deleuzeana sobre o assunto.

O que estivera de fora nesses dois momentos propedêuticos fora a conexão entre a ontologia política e as práticas de contestação e transformação que ocorrem no espaço social em sua acepção mais ampla, compreendendo a cultura, as instituições propriamente políticas e outros pontos. O conceito de política menor é um importante elemento, no contexto da obra de Deleuze e Guattari, para se pensar não só a emergência contínua de novos focos de contestação do – e no – social, como também revela de maneira significativa a perspectiva que os autores possuem da natureza do político.

5. Conclusão

A pretensão principal deste artigo possui uma natureza analítica: trata-se de isolar e esclarecer o sentido de uma possível ontologia política que se faria presente na filosofia de Gilles Deleuze, o que contempla também o seu trabalho escrito com Félix Guattari. Para fins de se atender a esse propósito, optou-se por diferenciar a maneira pela qual a preocupação com a ontologia passa a integrar a filosofia deleuzeana e a sua acepção mais comum, tal como se encontra presente na tradição metafísica ocidental. Tratou-se de dissociá-la da perspectiva que situa a ontologia como o estudo das essências constitutivas, e perenes, da realidade para uma voltada para a impermanência e o devir.

Essa etapa preliminar é importante para que se possa esclarecer o contexto no qual uma reflexão sobre a constituição do político, a qual se nomeou ontologia política, é desenvolvida na filosofia de Deleuze. A segunda seção se volta para a articulação de conceitos desenvolvidos pelo autor ao longo de sua obra sob pano de fundo dos problemas oriundos do panorama político. Alguns dos principais conceitos apresentados compõem duas distinções, atual/virtual e macropolítica/micropolítica.

O principal questionamento reside situar as condições pelas quais o surgimento do novo e das rupturas no espaço social pode ocorrer. Dito de outro modo, como situar a ação política de maneira que as suas consequências já não sejam compreendidas como fenômenos secundários das estruturas já estabelecidas? Semelhante indagação traz para o centro de nossas indagações a temporalidade e os seus desdobramentos na reflexão em torno do social. Para que o novo como ruptura possa ser cogitado é importante que a criação ocorra em um espaço de abertura cujos contornos não possam estar integralmente preditos.

Na terceira e última seção se tratou de esclarecer a noção de política menor a qual se faz presente sobretudo na obra Kafka por uma literatura menor. Nela a relação entre o maior e o menor é problematizada através de uma reflexão política cujo fio condutor reside na obra de Franz Kafka e na maneira com que ela se apropria ao mesmo tempo em que desestabiliza os elementos majoritários constitutivos do entorno social do escritor tcheco. Uma política menor não se deixa ser refém de projetos normativos voltados para a tomada estratégica do poder. Próximo ao conceito de política menor, a preocupação reside em se pensar o povo, seja por via da constituição de enunciações coletivas ou como destinatário dessas enunciações.

O objetivo da política é a construção do povo, seja em termos de invenção ou de que se evite a sua dissolução. Em ambos os casos, o povo não pode ser caracterizado como uma entidade acabada: é sempre minoritário, situando-se sempre ao lado dos devires em meio às múltiplas linhas de fugas. Perguntas associadas ao caráter normativo da prática política voltada para a construção deste povo, no entanto, permanecem sem respostas. É importante mencionar algumas palavras mais quanto

Os direcionamentos que podem ser identificados nas obras dos autores podem não ser aqueles que o leitor inicialmente busca ou considera necessários para a sua circunstância política contemporânea: não se encontrará nenhuma orientação normativa associada a um projeto político mais amplo ou mesmo um programa que permita delimitar as condições pelas quais mudanças sociais significativas podem ser alcançadas pela ação política. Também não se encontrará nenhuma associação pontual a partidos políticos e movimentos sociais específicos, o que abrange a filiação de Guattari ao partido comunista francês e da relutância de Deleuze em fazer o mesmo.

Disso não se segue que uma teorização sobre a ontológica política, como a que fora abordada em linhas muito gerais por este artigo, esteja dissociada da prática e das estratégias que compõem o panorama concreto da política. Teoria e prática são dois espaços inter-relacionados: ambos podem suscitar conceitos e problemas que tendam a modificar um do outro. É notória a influência dos acontecimentos de maio de 68, assim como das dinâmicas e rupturas internas aos vários partidos comunistas e nos questionamentos associados a formas distintas de mobilização política que surgem nas décadas de 60 e 70, na elaboração do projeto Capitalismo e Esquizofrenia, e conseqüentemente também nas indagações ontológicas sobre a política feitas por Deleuze e Guattari.

O sentido político da ontologia em Deleuze e Guattari envolve colocar em sempre em questão os conceitos e formas atuais de mobilização de uma política atual em prol de outras possibilidades e formações cujo referencial conceitual permanece vacilante, de difícil determinação. Como os experimentos conceituais inscritos em Anti-Édipo, Kafka e Mil Platôs, a construção conceitual leva adiante e explora o terreno do virtual, mostrando mais uma vez que o mesmo jamais poderá ser subsumido ao atual. Pensar a ontologia política, neste contexto, nada mais é do que pensar uma política por-vir em meio à escassez e à tormenta do atual.

Bibliografía

ALLIEZ, Éric. *Deleuze filosofia virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

ALLIEZ, Éric. *The Signature of the World: or What is Deleuze and Guattari's Philosophy*. London: Continuum Press, 2004.

CROCKETT, Clayton. *Deleuze Beyond Badiou: Ontology, Multiplicity, and Event*. Columbia, New York: Columbia University Press, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Logic of Sense*. London: The Athlone Press, 1990.

DELEUZE, Gilles. *Negotiations, 1972-1990*. New York; Columbia University Press, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Que é a Filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. Preface. Em DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus*. University of Minnesota: University of Minnesota Press, 2000, pp. xiii-xiv.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. "Os Intelectuais e o Poder". Em MACHADO, Roberto. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal. pp. 69-78

KRAUSE, Ralf; RÖLLI, Marc. "Micropolitical Associations". Em BUCHANAN, Ian; THORBURN, Nicholas. *Deleuze and Politics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008, pp. 240-254.

KREPS, David. *Bergson, Complexity and Creative Emergence*. London: MacMillan, 2015.

MAY, Todd. *Gilles Deleuze – An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PATTON, Paul. "Becoming-Democratic". Em BUCHANAN, Ian; THORBURN, Nicholas. *Deleuze and Politics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008, pp. 178-194.

PATTON, Paul. "Conceptual Politics and the War-Machine in "Mille Plateaux"". Em *SubStance*, v. 13, Issue. 44/45, 1984, pp. 61-80.

PATTON, Paul. "Order, Exteriority and Flat Multiplicities in the Social". Em FUGLSANG, Martin; SØRENSEN, Bernt Meier. *Deleuze and the Social*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006, pp. 21-38.

MONTEIRO CRESPO DE ALMEIDA, Leonardo. «Ontologia política e criação de conceitos: considerações sobre a filosofia política de Gilles Deleuze e Félix Guattari».

HYBRIS. Revista de Filosofia, Vol. 9 N° 2. ISSN 0718-8382, Noviembre 2018, pp. 101-127

PATTON, Paul. *Deleuzian Concepts: Philosophy, Colonization, Politics*. Stanford, California: Stanford University Press, 2010.

PEARSON, Keith Ansell. *Germinal Life - The Difference and Repetition of Deleuze*. London: Routledge, 1999.

RAJCHMAN, John. *The Deleuze Connections*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

SCHATZKI, Theodore R. *The Site of the Social: a philosophical account of the constitution of social life and change*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2002.

THOBURN, Nicholas. *Deleuze, Marx and Politics*. London: Routledge, 2003.

WHITE, Stephen. *Sustaining Affirmation: The Strengths of Weak Ontology in Political Theory*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

WIDDER, Nathan. *Political Theory After Deleuze*. London: Continuum, 2012.